

Adiada remoção de famílias do Lixão

Moradores do aterro sanitário da Estrutural, conhecido como o Lixão, conseguiram adiar o início da remoção de aproximadamente 40 famílias do local. A associação de moradores organizou uma comissão que, com a presença do deputado distrital Wasny de Roura (PT), foi até a Terracap negociar a operação.

O presidente da Terracap, Humberto Ludovico, disse que a ordem para a desocupação partiu da Secretaria de Segurança, através do Sistema Integrado de Vigilância do Solo (SIV-Solo), e que a companhia "só deveria dar o apoio logístico para a operação". Humberto afirmou que a área ocupada pelos moradores no Lixão faz parte de um projeto de expansão do setor industrial, sendo requisitada pela Administração Regional do Guará.

"As 40 famílias que seriam inicialmente removidas são as que ocupam o local há menos de um ano", assegurou Ludovico. Hoje, no Lixão, existem aproximadamente 250 famílias que sobrevivem do

comércio de plásticos, papelão e outros materiais encontrados no aterro. A própria associação de moradores tem organizado censos através dos quais informa à Terracap o aumento do número de moradores.

O deputado Wasny concorda que houve um aumento nas ocupações, mas ressaltou "ser contra o método utilizado nas remoções, pois seria um ato de violência contra mulheres e crianças que não têm para onde ir".

Desespero — Ocupando um pequeno barraco, feito com compensado há aproximadamente oito meses, Geralda da Silva divide três metros quadrados com seus oito filhos, um dos quais doente mental. A precariedade das instalações é vista como "uma graça de Deus", já que os filhos de Geralda acabam tendo acesso à escola onde "comem três vezes por dia". Se for removida, a família de Geralda provavelmente perderá a possibilidade de freqüentar a escola do Lixão e "faturar alguns trocados" com a venda de sucatas.

Ginilson de Souza é outro dos sucateiros que está há menos de um ano — portanto no grupo de risco da remoção — instalado no Lixão. Ele contou que já vive em Brasília há mais de 15 anos, mas, como sempre morou no campo, nunca teve a oportunidade de se inscrever nos programas de assentamento. "Só de pensar em remoção me dá um desespero, que chego a pensar em me matar", diz o pai de cinco filhos, com a mulher a esperando o sexto.

A ordem de remoção pode atingir também duas pequenas igrejas, construídas com o auxílio da comunidade. A secretária da Associação, Alice Bezerra, acredita que o prazo de 72 horas dado para a desocupação "é um acinte para com as pessoas que não têm para a onde ir". Alice disse que a administração acena com uma remoção temporária para albergues, ou com o fornecimento de passagens para que as pessoas voltem aos seus estados, de origem.

Perigos — A ocupação de aterros

sanitários não é um privilégio de Brasília, mas tem suas características próprias. Não existe o risco de combustões espontâneas ou vazamento de gases como os que ocorrem em Curitiba, como explicou o coordenador de Defesa Civil do Distrito Federal, Adverse Baby: "A instalação de lixo orgânico em áreas mais profundas acaba favorecendo o acúmulo de gases, causando o fenômeno que ocorre em Curitiba, onde pessoas fritam ovos utilizando estes gases. Aqui, o depósito é feito na superfície, o que favorece a dispersão".

A saúde pública avverte para os riscos que os ocupantes do Lixão correm de pegar doenças como dengue, cólera, hepatite e outras. Na opinião dos técnicos da fiscalização sanitária, não são só as habitações em tais áreas, mas também as constantes remoções nos lixos, que aumentam o risco para os moradores.

Para hoje está prevista uma nova reunião entre os moradores do Lixão e o administrador regional do Guará.



Moradores foram à Terracap e conseguiram retardar a operação